

AVALIAÇÃO DAS CONDIÇÕES SANITÁRIAS NA ÓTICA DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E ASSOCIAÇÃO COM RISCO DE OBTER PARASIToses

Divalda Oliveira de Melo¹
Luana Fernandes da Silva¹
Kelly Aparecida do Nascimento²
Ana Lígia de Souza Pereira³
Daniel Vieira Ferreira⁴
Marcella Ferroni Gouveia⁵
Deyliane Aparecida de Almeida Pereira⁶
deyliane.univertix@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

Este estudo objetiva avaliar as condições sanitárias na ótica dos estudantes de enfermagem e associá-los com os riscos de adquirir parasitoses. Trata-se de uma pesquisa quantitativa do tipo descritiva. O local da realização da pesquisa foi em uma Instituição de Ensino Superior, a amostra foi composta por graduandos de Enfermagem. Para coleta dos dados foi utilizado como instrumento um questionário proposto por Gil (2012) que contém ao total 40 questões que abordam higiene pessoal, higiene geral, saneamento básico, hábitos de vida e conhecimento de vermes. A coleta de dados ocorreu nos meses de junho a agosto de 2021. Os resultados mostram que 100,0% dos universitários consomem verduras e que 70% não fazem a higienização correta, contribuindo assim para a obtenção de infecções por parasitoses. Além disso, 20,0% relataram que mesmo mudando os hábitos de higiene os vermes não acabam, sendo essa uma afirmação equivocada, pois tendo hábitos higiênicos saudáveis pode-se eliminar as infecções. Conclui-se que tem um número significativo de alunos que conhecem pouco sobre as infecções ou que conhecem e não praticam da forma que deveriam. Tem-se então a necessidade de educação em saúde para reduzir os riscos de disseminação e contaminação por parasitoses.

¹ Acadêmicas do 10º período do Curso de Enfermagem da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX.

² Educadora Física- Psicopedagoga- Mestre em Meio Ambiente e Sustentabilidade- Professora da Faculdade Univértix Matipó.

³ Graduada em Enfermagem. Mestre em Gestão Integrada do Território - UNIVALE. Professora do curso de enfermagem da Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX- Matipó

⁴ Graduado em Matemática pela UEMG Universidade do Estado de Minas Gerais. Pós-graduado em Cálculo Diferencial e Estatística pela Universidade Federal de Lavras. Mestrado em Educação Pela Universidade UDELMAR – Chile. Professor dos cursos de graduação da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX –Matipó/MG.

⁵ Enfermeira Especialista em Cardiologia - Mestre em Ciências da Saúde – Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX.

⁶ Licenciatura e Bacharel em Educação Física – UFV. Mestre em Educação Física – UFV. Doutora em Ciências da Nutrição UFV. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

PALAVRAS-CHAVE: Helmintofase; Doenças Parasitárias; Prevenção de Doenças; Bacharelado em Enfermagem.

1. INTRODUÇÃO

Os indicadores de saúde que demonstram o acesso aos serviços de saúde e a distribuição de recursos e equipamentos, segundo Souza Júnior e Mendes (2020), se deve à diminuição de gastos do governo e tem sido associada ao aumento da pobreza e da desigualdade, com consequências para a saúde das populações. Com isso, as crises econômicas nas condições sociais e de saúde já podem ser relacionadas, por exemplo, à piora da saúde mental, aumento de doenças crônicas não transmissíveis, de algumas doenças infectocontagiosas, prevalência de infecções por parasitoses intestinais, piora no acesso aos serviços de saúde, entre outros problemas. Este último, de acordo com Pereira Pedrotti e Zancanaro (2016) é dos melhores indicadores do status socioeconômico de uma população e pode estar associada a diversos determinantes, como instalações sanitárias inadequadas, poluição fecal da água e de alimentos consumidos, fatores socioculturais, contato com animais, ausência de saneamento básico, além da idade do hospedeiro e do tipo parasito infectante.

Silva (2016) relata que parasitismo é a associação entre seres vivos, na qual existe uma unilateralidade de benefícios, com um dos associados prejudicado nessa relação. Tem-se então, o parasito como agente agressor e, o hospedeiro como agente que abriga o parasito. De acordo com Coura (2008) existem 18 protozoários parasitos do homem e que pertencem a diversos gêneros e 9 *filos* Platelmino, 6 Cestódeos e 19 Nematelminto.

Morais, Leite e Goulart (2013) afirmam que as infecções são transmissíveis de pessoa a pessoa, ou por agente intermediário, vivo ou não, além disso, por transmissão via oral e por penetração do parasito através da pele. Diante do exposto, é possível perceber a importância das ações de enfermagem na prevenção de doenças, principalmente no que se refere à promoção da saúde, ou seja, enfrentamento dos determinantes sociais que interferem diretamente nos modos, na qualidade de vida e bem-estar da população.

Dessa forma, a elaboração de um manual com normas e rotinas por parte dos profissionais de enfermagem pode unificar e aprimorar a qualidade do atendimento e orientação na prevenção das parasitoses intestinais, ampliando assim a consciência sanitária que contribua com a modificação do estilo de vida e aspectos comportamentais (GONÇALVES *et al.*, 2016).

O enfermeiro é um profissional que, por ter o cuidado na assistência de sua prática, pode contribuir com a formação dos educadores, cozinheiros, faxineiros e profissionais de creche e orfanatos, planejando, orientando e supervisionando os cuidados na educação em saúde a fim de contribuir para a aquisição de hábitos saudáveis (GONÇALVES *et al.*, 2016). Com isso, este profissional tem um papel importante na promoção e proteção da saúde da população, informando ações de saúde, assim como a prevenção de doenças e diminuindo a incidência das parasitoses.

Assim, a justificativa deste estudo concentra-se em compreender a importância do conhecimento, orientação e prevenção para os estudantes, e conseqüentemente, diminuir os custos de tratamento no SUS (Sistema Único de Saúde), retardar as doenças causadas por parasitas, garantir a saúde e ser agentes reprodutores de conhecimento para parentes e amigos. Faria (2015) relata que para diminuir a prevalência das parasitoses intestinais exige-se uma associação de medidas que envolvem o saneamento ambiental, a educação sanitária e o tratamento das pessoas infectadas.

Desta forma, os cursos de formação na área da saúde, especialmente a enfermagem, precisam adotar em sua grade curricular disciplinas que contemplem esses aspectos de contrair infecção com aulas de educação em saúde sobre higiene pessoal, moradia, saneamento básico e medidas profiláticas.

Nesta concepção, tem-se como lacuna do estudo a necessidade de compreender o nível de conhecimento de estudantes de enfermagem quanto às medidas profiláticas em relação às parasitoses. Logo, tem-se como pergunta norteadora: qual o nível de conhecimento de estudantes de enfermagem quanto às medidas profiláticas, que evitam a disseminação e contaminação por parasitoses?

Logo, este estudo objetiva avaliar as condições sanitárias na ótica dos estudantes de enfermagem e associá-los com os riscos de adquirir parasitoses.

Estudos como este são importantes, pois o conhecimento sobre os parasitas oferece mais opções de combate às causas das enfermidades causadas por esses organismos. Conforme exposto por Santos e Lima (2017) que a falta de informação da população sobre o contágio e as medidas profiláticas tem-se a propagação de doenças. O investimento do governo com a saúde pública é insuficiente para melhorar as condições de vida das pessoas em vulnerabilidade social e econômica.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa do tipo descritiva que teve como objetivo avaliar as condições sanitárias na ótica dos estudantes de enfermagem e associar os riscos de obtenção de parasitoses. De acordo com Gil (2010, p. 41) as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

O local da realização da pesquisa foi em uma Instituição de Ensino Superior que possui o curso de graduação em Enfermagem, localizado na Zona da Mata Mineira. A amostra foi composta por graduandos de Enfermagem.

Para coleta dos dados foi utilizado como instrumento um questionário proposto por Gil (2012) que contém ao total 40 questões que abordam higiene pessoal, higiene geral, saneamento básico, hábitos de vida e conhecimento de vermes.

Por estarmos em um período de pandemia, foi utilizada uma ferramenta de pesquisa online, onde permite o acesso por smartphones, notebooks, computadores, o *Google Forms*. Desta forma, foi possível adotar todos os cuidados para preservar a saúde e não correr risco de transmissão da Covid-19. O formulário na primeira sessão teve o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após o aceite online, assinalando a opção “sim”, o participante foi direcionado para a segunda sessão, na qual esteve disponível às questões de investigação.

A pesquisa foi realizada mediante autorização do diretor da Instituição. Todos os procedimentos adotados atendem a Lei 466/2012 (BRASIL, 2012), que trata de pesquisas envolvendo seres humanos, resguardando-lhe o anonimato e autonomia de recusar-se ou desistir de fazer parte da amostra do estudo.

Os dados foram organizados no *Microsoft Excel* versão *Windows 10* e avaliados por estatísticas descritivas, calculando-se média, desvio padrão e valores de frequência absoluta e relativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa sessão apresentará os dados obtidos na pesquisa com estudantes universitários, do curso de enfermagem, quanto a avaliação das condições sanitárias e o risco de obter parasitoses. A amostra foi constituída por 20 estudantes, sendo a idade média de 25,3 (DP= $\pm 7,0$) anos, sendo 85,0% do sexo feminino e 60,0% regularmente matriculados no 9º período.

Segundo Antunes, Souza, Xavier e Borges (2020), o risco de obter parasitoses pode estar relacionado a fatores epidemiológicos que favorecem a disseminação da patologia, bem como o estado do hospedeiro, o meio ambiente e o parasito. Dentre as sintomatologias, tem-se a falta de vontade de comer ou o aumento na vontade ou aumento do tamanho da barriga, por exemplo. A tabela 1 apresenta os sintomas relatados pelos universitários e possíveis relações com parasitoses.

Tabela 1: Sintomas associados às parasitoses, relatados por universitários de um curso de enfermagem, da Zona da Mata Mineira. 2021.

| | Sim (%) | Não (%) | Às vezes (%) |
|---|---------|---------|--------------|
| 1. Falta de vontade de comer | 15,0 | 85,0 | - |
| 2. Aumento na vontade de comer | 60,0 | 40,0 | - |
| 3. Aumento do tamanho da barriga | 35,0 | 65,0 | - |
| 4. Sente-se com barriga muito cheia após as refeições | 10,0 | 30,0 | 60,0 |
| 5. Sente vontade de vomitar ou vomita após as refeições | - | 85,0 | 15,0 |
| 6. Arrota muito | 20,0 | 80,0 | - |
| 7. Solta muitos gases? | 35,0 | 65,0 | - |
| 8. Emagreceu muito ultimamente | 15,0 | 85,0 | - |
| 9. Sente-se desanimado | 30,0 | 15,0 | 55,0 |
| 10. Tem febre | 5,0 | 95,0 | - |

| | | | |
|-------------------------|------|------|------|
| 11. Tem dor de cabeça | 25,0 | 25,0 | 50,0 |
| 12. Tem manchas na pele | 5,0 | 95,0 | - |
| 13. Diarreia | 15,0 | 85,0 | - |
| 15. Dor na barriga | 20,0 | 75,0 | 5,0 |

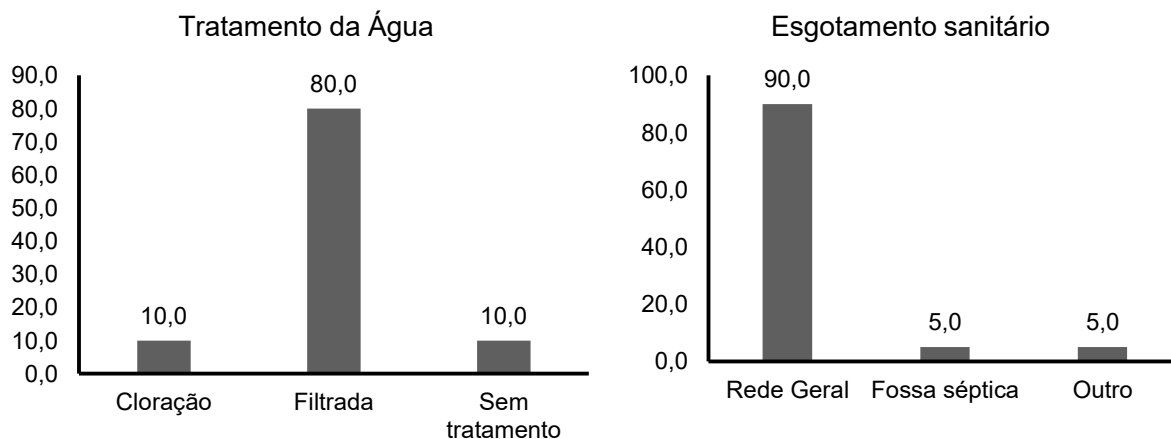
Fonte: elaborado pelos autores.

Em acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), as manifestações de parasitismo intestinal estão associadas a sintomas como diarreia, perda de peso, excesso de produção de gases, náuseas e/ou vômitos, dores abdominais, febre, anemias, falta de ar, aumento do apetite, prurido anal, tosse e diminuição do apetite (DUARTE, 2020). No presente estudo, verificou-se que a maioria dos sintomas relatados foram aumento na vontade de comer (60,0%), desânimo (55,0%) e dor de cabeça (50,0%).

Dados da pesquisa mostram que 15,0% relataram ter tido diarreia nos últimos 30 dias, com isso pôde-se observar que 60,0% em volume moderado e 25,0% em volume pequeno. Associados a isto, 25,0% dos universitários relataram sentir dor na barriga entre elas cólica, queimação e pontada.

A figura 1 apresenta os dados de saneamento básico relatados pelos universitários.

Figura 1: Saneamento básico associados às parasitoses, relatados por universitários de um curso de enfermagem, da Zona da Mata Mineira. 2021.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Dentre os participantes do estudo, 10,0% não tem tratamento de água em suas residências e 5,0% possuem fossa séptica e 5,0% outro esgotamento sanitário, com isso pode-se observar que esses dados contribuem para proliferação de

infecções por parasitoses conforme exposto por Visser *et al.* (2011). Os autores relatam que estas infecções estão ocorrendo em domínio doméstico, sendo uma das maiores causas da mesma, onde a educação sanitária, as noções de higiene e os aspectos culturais têm relevância no controle dessas doenças.

De acordo com o inquérito sanitário alimentar obteve-se as respostas apresentadas na tabela 2.

Tabela 2: Consumo de alimentos e autocuidado relatados por universitários de um curso de enfermagem, da Zona da Mata Mineira. 2021.

| | % |
|---|-------|
| Cultiva algum tipo de hortaliça? | |
| Sim | 45,0 |
| Não | 55,0 |
| Se sim, onde? | |
| Em casa | 88,9 |
| Outro local | 11,1 |
| Consome verduras? | |
| Sim | 100,0 |
| Frequência do consumo | |
| Todos os dias | 40,0 |
| Quase todos os dias | 10,0 |
| 5 vezes por semana | 10,0 |
| 4 vezes por semana | 15,0 |
| 2 vezes por semana | 5,0 |
| Moderadamente | 10,0 |
| Raramente | 10,0 |
| Como as verduras são lavadas? | |
| Água | 70,0 |
| Cloro | 20,0 |
| De molho na água com vinagre | 5,0 |
| Vinagre | 5,0 |
| Asseio geral da casa | |
| Ótimo | 70,0 |
| Bom | 30,0 |
| Asseio pessoal | |
| Sim | 100,0 |

Fonte: Elaborado pelos autores

De acordo com a tabela 2, observou-se que todos os estudantes (100,0%) consomem verduras, logo, é indispensável a higienização correta, visto que o aumento de infecções por parasitoses pode ser decorrente de verduras, pois são fontes de protozoários, ovos e larvas de helmintos. Como Vieira *et al* (2013) relatam que a propagação de parasitoses por intermédio de hortaliças pode realizar-se através da água de irrigação, contaminação do solo ou diretamente por meio das mãos, quando contaminadas e dos manuseantes desses vegetais.

A maioria declara que consomem todos os dias (40,0%), com isso, foi perguntado como as verduras são lavadas, e identificou-se que apenas lavam com água (70,0%), ou seja, fazem a higienização de forma incorreta, consumindo por vezes verduras infectadas. Borges, Cruz e Silva (2019) relatam que para ter uma hortaliça boa para o consumo, o primeiro passo é lavar bem as mãos; retirar as partes que esteja estragada; lavar em água corrente; colocar em solução de hipoclorito de sódio, utilizando uma colher de sopa do produto (concentração de 2,0% ou 2,5%), em um litro de água, deixando as hortaliças por 10 minutos de molho, e por último enxaguar com água filtrada. Com isso, tem uma boa higienização das verduras contribuindo para a diminuição de infecção.

A figura 2 apresenta os dados de quais doenças ocorrem com mais frequência na sua comunidade.

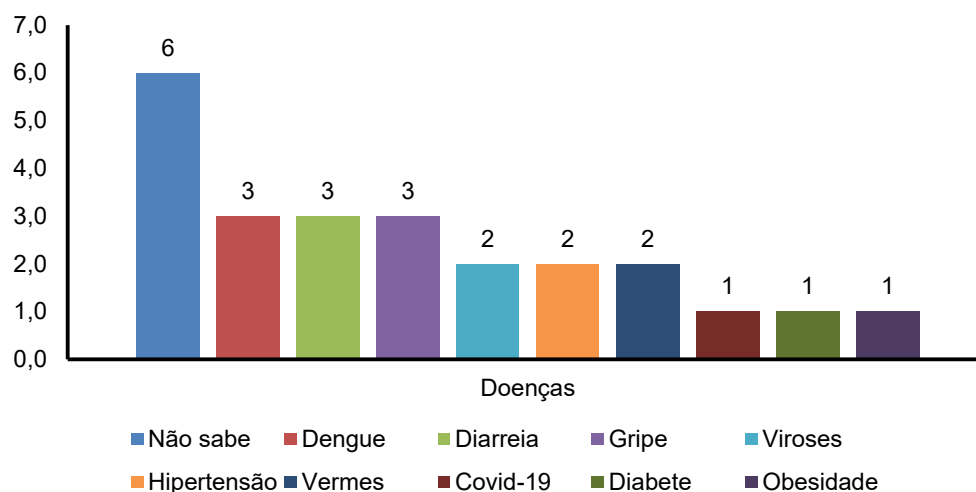


Figura 2: Doenças prevalentes nas comunidades que residem os estudantes de enfermagem, de uma instituição da Zona Mineira, 2021.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Na figura 2 nota-se que a diarreia (15,0%) e vermes (10,0%) são fatores relatados pelos estudantes, que podem estar associadas com parasitoses. Como expõe Costa *et al.* (2021), quando o parasita chega ao intestino, ele se alimenta do bolo alimentar, fazendo com que apareça sintomas como: náusea, vômito, diarreia, dor abdominal, perda de apetite, febre e ruído ao respirar.

No que se refere ao nível de conhecimento sobre parasitoses, a tabela 3 apresenta os resultados encontrados.

Tabela 3: Nível de conhecimento sobre parasitoses dos estudantes de enfermagem, de uma instituição da Zona Mineira, 2021.

| | % |
|---|------|
| É possível ter algum verme e não sentir nada? | |
| Sim | 85,0 |
| Não | 10,0 |
| Não sabe | 5,0 |
| Tem medo de pegar verme | |
| Sim | 55,0 |
| Não | 10,0 |
| Talvez | 35,0 |
| Esse tratamento é fácil | |
| Sim | 95,0 |
| Não | 5,0 |
| Após tomar remédio pode contaminar novamente | |
| Sim | 90,0 |
| Não | 10,0 |
| Se as pessoas mudarem o hábito de higiene os vermes acabam | |
| Sim | 60,0 |
| Não | 20,0 |
| Não sabe | 20,0 |
| Tem interesse em aprender mais sobre vermes | |
| Sim | 95,0 |
| Não | 5,0 |

Fonte: elaborado pelas autoras.

Dados da pesquisa mostram que 10,0% dos estudantes relataram que não é possível ter verme e não sentir nada e 5,0% não sabe; porém a literatura científica evidencia que é possível sim ter verme e não sentir nada, como expõe Braz *et al.*, (2015). Autor afirma que as infecções por parasitoses são doenças de manifestação espectral que variam desde casos assintomáticos leves até formas graves. Em algumas manifestações comuns, os sintomas são inespecíficos.

A figura 3 apresenta o conhecimento prévio dos estudantes quando ouvem a palavra verme.

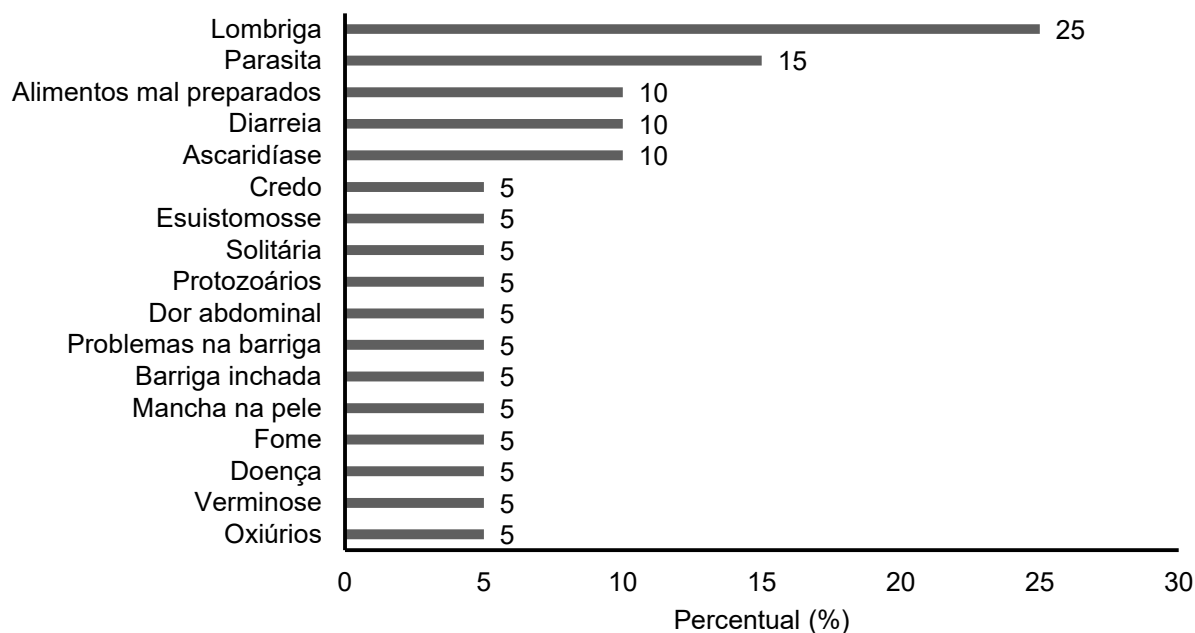


Figura 3: “O que vem a cabeça quando ouve a palavra verme” segundo estudantes de enfermagem, de uma instituição da Zona Mineira, 2021.
Fonte: elaborado pelas autoras.

Verifica-se que segundo os alunos a palavra verme está associada a sintomas ou até o nome de alguns. Cabe destacar que 10,0% declaram não ter medo de pegar verme e 35% talvez (tabela 3), porém as infecções por parasitoses podem causar problemas sérios a saúde ao longo do tempo, o que foi relatado por todos os universitários participantes do estudo (100,0%). Brandão Neto (2016) afirma que os pacientes podem apresentar sintomas em geral como: eosinofalias, mal-estar,

prurido, hepatomegalia, lesões pruriginosas, arritmias, dor abdominal, anorexia, diarreia, tonturas, irritabilidade, podem ocorrer muitas vezes derrame pleural, infecção do tecido subcutâneo etc.

A figura 4 apresenta os sintomas relatados, pelos participantes do estudo, que estão relacionados a infecções por parasitoses.

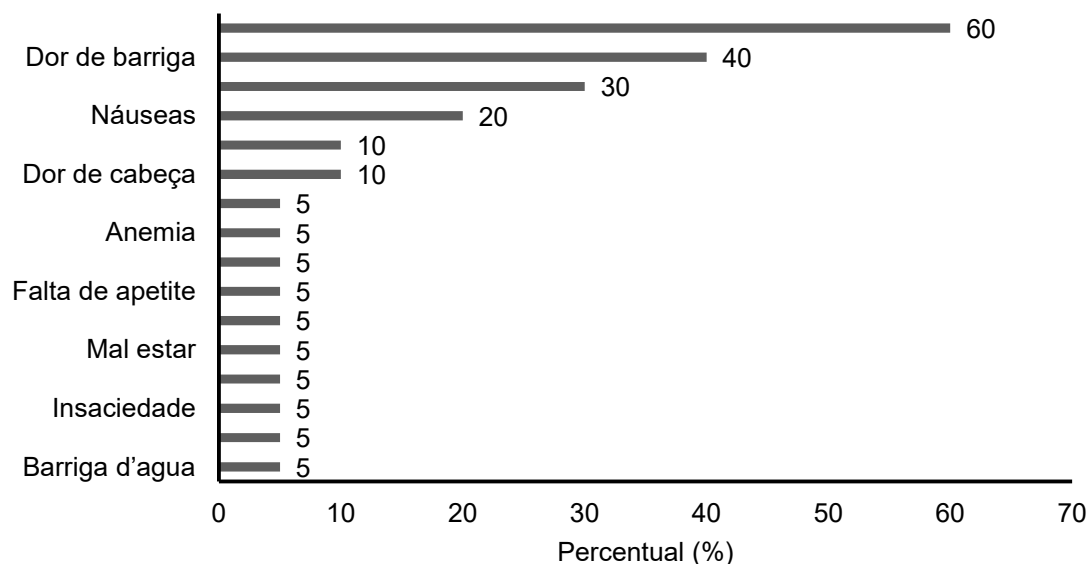


Figura 4: “Quais os sintomas dessas infecções” segundo estudantes de enfermagem, de uma instituição da Zona Mineira, 2021.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Todos os universitários (100,0%) declararam que o verme não se manifesta apenas nas fezes e na maioria das vezes não são visíveis. De acordo com Sadovsky *et al* (2020) eles estão certos, pois as parasitoses são diagnosticadas pelo exame macroscópico das fezes com presença de ovos, larvas ou, às vezes, vermes adultos, que não podem ser vistos a olho nu. Sendo avaliado à sua cor, consistência e a visualização da presença de qualquer verme.

Assim, foi questionados os estudantes “De que forma pode ser infectado por verme”, sendo os resultados apresentados na figura 5.

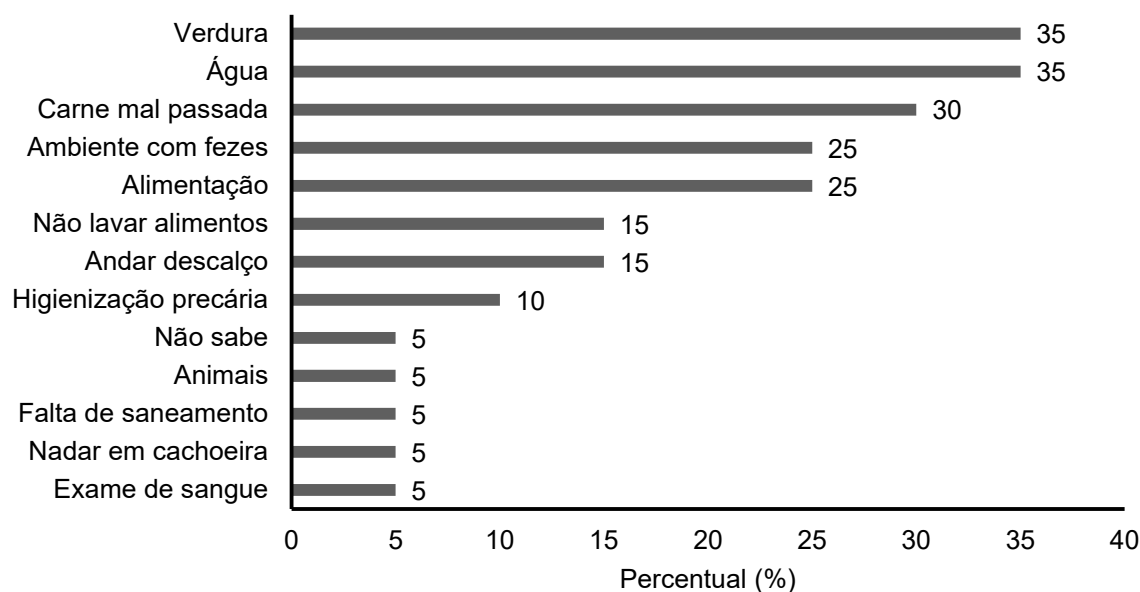


Figura 5: “De que forma pode ser infectado por verme” segundo estudantes de enfermagem, de uma instituição da Zona Mineira, 2021.
Fonte: elaborado pelas autoras.

A maioria dos alunos (95,0%) exemplificaram de forma correta a forma que se pode infectar por verme e os sintomas dessas infecções. Rodrigues *et al.* (2018) afirma que as parasitoses são responsáveis pela diminuição de sua produtividade, prejuízo da função de alguns órgãos vitais, contribuindo para o aumento da desnutrição, além dos sintomas apresentados na figura 4.

Com base nisso, foi perguntado qual tratamento é indicado e se esse tratamento é fácil, 100% relataram que é um tratamento medicamentoso, enquanto 5% relataram que o tratamento não é fácil (tabela 3). Costa *et al.*, (2021) afirmam que

o tratamento é feito por um antiparasitário como a ivermectina, azólicos, mebendazol ou o albendazol em dose única e deve ser repetido após algumas semanas para matar larvas que possam estar migrando, é um tratamento fácil e que tem acesso pelo SUS, em relação a infecção por ascaridíase.

Cabe destacar que 10,0% dos universitários (tabela 3) relataram de forma equivocada que após tomar remédio não pode contaminar novamente, essa afirmação pode colocar em risco a própria saúde dos estudantes e dos familiares. Fernandes *et al.* (2012) relatam que as desparasitações sistemáticas não evitam as reinfecções. Assim, as medidas preventivas devem ser sempre adotadas a fim de interromper o ciclo epidemiológico. Quanto às medidas preventivas, 20,0% dos estudantes (tabela 3) relataram que se as pessoas mudarem o hábito de higiene os vermes não acabam e 20% não sabem, porém se sabe que uma boa higienização geral e pessoal pode eliminar os vermes.

Conforme Fonseca e Marisco (2021), o Brasil precisa ter um planejamento de políticas afim de eliminar os parasitas sendo uma doença da saúde pública podendo alcançar o bem-estar da população brasileira, eliminando as infecções parasitárias e aumentando a saúde da população.

Como exposto por Fernandes et al (2012) que:

é fundamental o controle das águas com saneamento básico, controle do solo com técnicas de rega e fertilização adequadas e controle dos animais tendo em atenção o consumo de carne e peixe e a existência de animais domésticos. A nível individual, a lavagem das mãos, a preparação adequada dos alimentos como lavagem de frutas e vegetais e evitar carne e peixe mal cozidos, bem como o consumo de água filtrada e clorada são a melhor forma de proteção.

Fonseca e Marisco (2021) complementam que a educação em saúde deve ser associada a estes hábitos, seja em ambientes formais e informais, nas escolas, nas instituições de saúde e na comunidade para ensinar meios a população de promover a saúde, prevenir ou curar doenças.

O presente estudo identificou também que 95,0% (tabela 3) dos universitários interessaram em aprender mais sobre vermes, o que é muito bom para que não ocorra infecções por parasitoses e assim ser contribuintes de conhecimento para parentes e amigos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a maioria dos estudantes tem condições sanitárias adequadas, mas que a minoria que tem condições precárias está sujeita a adquirir e passar parasitoses para amigos e familiares, o que contribui para a proliferação da doença. A respeito do nível de conhecimento dos estudantes quanto as medidas profiláticas, tem-se um número significativo de alunos que conhecem pouco sobre as infecções ou que conhecem e não praticam da forma que deveriam, podendo assim, ter disseminação e contaminação por parasitoses.

Com isso, para minimizar esse problema de infecções por parasitoses necessita-se de melhorias nas condições socioeconômicas, no saneamento básico, em mudanças nos hábitos de higiene geral e pessoal e na educação em saúde. Este estudo tem como limitação a realização em apenas uma instituição de ensino superior, logo, sugere-se que estudos futuros sejam realizados, em diferentes localidades e comparem os resultados.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Rafael Souza; SOUZA, Anny Priscilla Ferreira de; XAVIER, Elismar de Fátima Pinheiro; BORGES, Priscilla Rodrigues. Parasitoses intestinais: prevalência e aspectos epidemiológicos em moradores de rua. **Revista Brasileira de Análises Clínicas RBAC**, v. 52, n. 1, p. 87-92. 2020.

AVILA, Liziani Iturriet *et al.* Construção moral do estudante de graduação em enfermagem como fomento da humanização do cuidado. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-9, 2018.

BELO, Vinícius Silva *et al.* Fatores associados à ocorrência de parasitoses intestinais em uma população de crianças e adolescentes. **Rev. paul. pediatr.**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 195-201, June 2012.

BORGES, Lorena da Silva; CRUZ, Suely Freire; SILVA, Claudia Peres. **Pesquisa de parasitas em hortaliças comercializadas na região central do município de Paracatu-mg.** Anais do 1º Simpósio de TCC, das faculdades FINOM e Tecsoma. p. 217-236. 2019. Disponível em: <https://finom.edu.br/assets/uploads/cursos/tcc/2021030415032734.pdf>. Acesso em: 29/08/2021.

BRAGAGNOLLO, Gabriela Rodrigues *et al.* Intervenção educacional sobre enteroparasitoses: um estudo quase experimental. **Rev Cuid**, Bucaramanga, v. 9, n. 1, p. 2030-2044, Apr. 2018.

BRANDÃO NETO, Rodrigo Antônio. Parasitoses Intestinais. **Medicina Net**. 2016. Disponível em: https://www.medicinanet.com.br/conteudos/revisoes/6835/parasitoses_intestinais.htm. Acesso em: 29/08/2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização. **Relatório Final da Oficina Humaniza SUS**. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/oficina_nac_humanizaSus.pdf. Acesso em: 18/02/2021.

BRAZ, Alessandra Souza *et al.* Recomendações da Sociedade Brasileira de Reumatologia sobre diagnóstico e tratamento das parasitoses intestinais em pacientes com doenças reumáticas autoimunes. **Rev. Bras. Reumatol.** v. 55, n. 4, p. 368–380, 2015.

COSTA, Cleonice Duarte da Silva; *et al.* Antiparasitário e a vitamina A: sua atuação no combate ao parasitismo por ascaridíase. **Rev. Amer. Ciên.e Edu.** v. 7, n. 5, p. 808-828. Maio, 2021.

COSTA, Ediná Alves. (Org.). **Vigilância Sanitária: temas para debate**. Salvador: EDUFBA, 2009. 237 p. Disponível em: www.mpdft.mp.br/saude/imagens/meio_ambiente/livro_vigilancia_sanitaria.pdf. Acesso em: 18/02/2021.

COURA, José Rodrigues. **Síntese das doenças infecciosas e parasitárias**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.11-56, 2008.

CRUZ, Patrícia Ferreira Fernandes da, *et al.* Ações educativas com ênfase à prevenção de parasitoses intestinais em uma localidade rural no município de Uberlândia, MG. **REBES- Revista brasileira de educação e saúde**, v. 4, n. 2, p. 8-15, mai-jun, 2014.

DUARTE, Aline Dutra Valente. **Plano de intervenção para redução da prevalência de parasitoses na comunidade Vista Alegre – Marapanim – Pará atendida pela Estratégia Saúde da Família**. Orientadora: Maria Tereza Sanches Figueiredo. 2020. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde da Família) – Universidade Federal do Pará, Universidade Aberta do SUS, Belém, 2020.

FARIA, Carolina Rocha de. **Educação em saúde: uma ferramenta para a prevenção e controle de parasitoses intestinais na Estratégia Saúde da Família**. Orientador: Emilianne Silva Santiago. 2015. 22f. Monografia (Especialização em Atenção Básica

em Saúde da Família). Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Juiz de Fora, 2015.

FERNANDES, Sofia; *et al.* Protocolo de parasitoses intestinais. **Acta Pediatr Port.** v. 43, n. 1, p. 35-41. 2012.

FONSECA, Islana dos Reis; MARISCO, Gabriele. Fatores de vulnerabilidade social e higiene pessoal na educação básica. **Saberes Plurais Edu. Saúde.** v. 5, n. 1, p. 151-167, jan/jun, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Frederico Ferreira. **Prevalência de enteroparasitoses em comunidades da periferia de Belo Horizonte:** prevalência nos laboratórios das comunidades vs comunidades. Orientadora: Maria Aparecida Gomes. 2012. 117 fl. Dissertação (Mestrado em parasitologia). Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

GONÇALVES, Erik Tavares *et al.* Atuação do enfermeiro na prevenção de parasitoses. *In:* Anais da VII Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia DeVry Brasil. **Anais...** Belém, Caruaru, Fortaleza, João Pessoa, Manaus, Recife, Salvador, São Luís, São Paulo, Teresina: Devry Brasil, 2016. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/viimostradevry/29506-ATUACAO-DO-ENFERMEIRO-NA-PREVENCAO-DE-PARASITOSSES>>. Acesso em: 18/02/2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Indicadores socioeconômicos e de saúde no Brasil.** Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 27/02/2021.

MORAIS, Ruy Gomes de; LEITE, Ignácio Costa; GOULART, Enio Garcia. / Atualizado por BRAZIL, Reginaldo. **Parasitologia e microbiologia humana.** 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.31, 2013.

OLIVEIRA, Solange Andrade Silva Guerra de. **Intervenção sobre as parasitoses intestinais na Equipe de saúde da família Dona Lindú do município de Janaúba- MG.** Orientador: Virgiane Barbosa de Lima. 2014. 41f. Monografia (Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva. Montes Claros, 2014.

PEREIRA, Franciele Rodrigues da Silva; PEDROTTI, Leandra Alves; ZANCANARO, Vilmair; Incidência de parasitoses intestinais em uma escola municipal de educação básica no município de Caçador/SC. **Caçador.** v.5, nº 2, p. 96-105, 2016.

PEREIRA, Maurício Gomes. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

PORTO, Letícia Pereira *et al.* Prevalência de parasitoses em trabalhadores de restaurantes de Caxias do Sul- RS. **Revista de Patologia Tropical / Journal of Tropical Pathology**, v. 45, n.1, p. 115-120, fev. 2016.

PROCÓPIO, Igor Vieira; OLIVEIRA JÚNIOR, Lourival Batista; AMÂNCIO, Robson. O uso de indicadores de desenvolvimento local: o mapa de exclusão/inclusão social do município de Juiz de Fora. **Revista de História Econômica e Economia Regional Aplicada**. v. 4, n. 6, p. 1-16, jan-jun. 2009.

QUEVEDO, André Luis Alves de *et al.* Determinantes e Condicionantes sociais: formas de utilização nos planos nacional e estaduais de saúde. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 823-842, Dec. 2017.

REIS, Edna Afonso; REIS, Ilka Afonso. **Análise descritiva de dados**. Relatório técnico de estatísticas da UFMG. jun. 2002. Disponível em: www.est.ufmg.br/portal/arquivos/rts/rte0202.pdf. Acesso em: 27/02/2021.

RODRIGUES, Sara Ramos; *et al.* Projeto Parasitoses Intestinais em crianças: prevalência e fatores associados. **Rev. Ciênc. Ext.**v.14, n.3, p.50-63, 2018.

SADOVSKY, Ana Daniela; *et al.* Parasitoses intestinais: diagnóstico e tratamento. **Dep. Ciên. Gastro. Infec.** v. 10, n. 7, p. 1-24, 2020.

SANTOS, Larissa Mendes; LIMA, Nathália Bastos. Análise da abordagem e conhecimento do tema parasitoses causadas por protozoários em escolas públicas do município de salinas-MG. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v.8, n.2, p.118-127, 2017.

SANTOS, Patrícia Honório Silva *et al.* Prevalência de parasitoses intestinais e fatores associados em idosos. **Revista brasileira geriátrica. Gerontol**, Rio de Janeiro, v. 20, n.2, p. 244-254, 2017.

SILVA, Lorena Fernandes da. **Ocorrência de parasitoses na população humana no município de Jericó, Paraíba, Brasil**. Orientador: Ednaldo Queiroga de Lima. 2016. 26 f. Dissertação (Licenciatura em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Campina Grande. Centro de saúde e tecnologia rural unidade acadêmica de ciências biológicas. Patos-PB, 2016.

SOUZA JÚNIOR, Milton Aparecido de; MENDES, Áquilas Nogueira. Efeitos das políticas econômicas restritivas sobre a condição de saúde dos brasileiros. **JMPHC | Journal of Management & Primary Health Care**, v. 12, p. 1-32, 8 abr. 2020.



TAVARES, Jardene Soares; RODRIGUES, Wilma Ferreira Guedes. Promoção de educação em saúde para a prevenção de parasitoses: relato de experiência. **Revista de enfermagem UFPE**, v. 11, n. 8, p. 3167-70, agosto 2017.

VIEIRA Juliana Nunes; *et al.* Parasitos em hortaliças comercializadas no sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Rev. **Ciênc. Méd. Biol.** v.12, n.1, p.45-49, jan./abr. Salvador, 2013. ISSN 1677-5090.

VISSER, Silvia *et al.* Estudo da associação entre fatores socioambientais e prevalência de parasitose intestinal em área periférica da cidade de Manaus (AM, Brasil). **Ciênc. saúde coletiva**. v. 16, n. 8, p. 1-12, 2011.